

AVALIAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DE OFICINAS DIDÁTICAS COMO UM MÉTODO PRÁTICO DE ENSINO EM ESCOLAS PÚBLICAS

NOEMI VASCONCELLOS PERES¹; ISLEM HELWIG PENNING²; TATIANE SOARES DA SILVA²; LARA M.P. MONTENEGRO²; ALINE JOANA R. WOHLMUTH A. DOS SANTOS³

¹Universidade Federal de Pelotas – UFPel – noemyperes@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – UFPel - islemhpenning@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – UFPel - tatynhah_20@hotmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas – UFPel – mp_lara@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – UFPel – alinejoana@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Muitos professores ainda utilizam antigos métodos de ensino tradicionalista em suas aulas, porém sabe-se que muitas vezes não é o melhor e nem o que produz um bom resultado em longo prazo, segundo ANTUNES (2008) “... durante muitos anos, acreditava-se que o professor deveria ser o centro do progresso de aprendizagem e, o aluno, apenas um receptor que somente aprendia quando se sentia apto para repetir as lições que memorizava...” Sabe-se que novos métodos didáticos possibilitam uma aula mais atrativa e dinâmica, assim com melhores resultados.

Através de materiais dinâmicos (jogos, vídeos, folhetos, mini livros, etc.), pode-se atrair a atenção dos alunos em relação ao conteúdo ministrado de tal forma que eles acabem gostando e se interessando pelos assuntos discutidos em sala de aula. Isso possibilita aos alunos vivenciarem o conteúdo no dia-a-dia, tornando o aprendizado mais produtivo, (PEREIRA, 2010).

O ensino de química teórico muitas vezes é visto pelos alunos com muita dificuldade, pois eles decoram o conteúdo ao invés de aprender. Já o ensino prático, por ser visual, se torna mais atrativo e com isso acaba facilitando o aprendizado. Assim, pode ser observada uma melhor resposta de alunos ao conteúdo ministrado quando este for ministrado conjuntamente com aula prática, sendo este o objetivo do projeto de extensão da UFPel, intitulado TRANSFERE (Transferência de Conhecimentos Químicos entre Comunidades e Universitários), desenvolvido por graduandas do curso de Química Licenciatura.

O presente trabalho, que é resultado de um trabalho conjunto entre TRANSFERE e PIBIB (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), visa avaliar a eficiência da aplicação de atividade prática na aprendizagem do conteúdo, através de oficina, sobre os temas pH de alimentos e pH de produtos de higiene e cosméticos, utilizando-se de filmes, folhetos, experimentos práticos, apresentações orais e/ou através de multimídia. Essa atividade foi realizada para alunos que cursam o ensino médio em duas escolas públicas de Pelotas (Escola Estadual de Ensino Médio Dom João Braga e Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora de Lourdes), para incrementar a compreensão do conteúdo teórico por parte destes alunos e, ao mesmo tempo, aproximar teoria e prática em sala de aula.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho empregaram-se métodos didáticos para a aplicação da oficina, visando obter um maior retorno da atenção e interesse por parte dos alunos.

O tema pH previamente escolhido, para ser desenvolvido no ano de 2013, foi então dividido em grupos. Dentre estes grupos, pode-se citar: pH de alimentos e pH de produtos de higiene e cosméticos.

A partir disto iniciou-se uma pesquisa bibliográfica em livros, revista, sites e artigos para a elaboração do referencial teórico e de métodos alternativos para o estudo do pH na prática, (MACHADO; ARAGÃO 1996).

A oficina que aborda o tema pH de produtos de higiene e cosméticos utilizou multimídia, cartaz, vídeo, folheto, medidores de pH e fabricação de shampoo e foi aplicado na “escola A” (Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora de Lourdes). Já a oficina de pH de alimentos utilizou vídeo e mini livro e foi aplicado na “escola B” (Escola Estadual de Ensino Médio Dom João Braga).

Após a aplicação das atividades na forma de oficinas de pH foi lançado um questionário aos alunos, com as seguintes questões:

- ✓ Entre os assuntos abordados, em cada oficina, qual lhe despertou maior interesse? Por quê?
- ✓ Quis foram os aprendizados adquiridos na oficina?
- ✓ Quais os pontos positivos e negativos dessa oficina?

Através deste questionário foi possível fazer o levantamento de dados estatísticos, para então fazer a avaliação das oficinas como método didático.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram coletados, a partir da aplicação das oficinas em duas turmas de escolas públicas distintas de Pelotas, sendo que em uma turma a oficina envolveu o tema pH de alimentos e na outra turma, pH de produtos de higiene e cosméticos. O grupo de graduandas que preparou a oficina de pH de produtos de higiene e cosméticos apresentou seu trabalho na escola A, representada pela cor roxa, cuja turma de 2º ano do ensino médio possuía 28 alunos (n=28). Já o grupo de graduandas que preparou a oficina de pH de alimentos apresentou seu trabalho na escola B, representada pela cor cinza, cuja turma mista de 2º e 3º ano do ensino médio possuía 13 alunos (n=13).

A partir dos dados coletados oriundos das respostas do questionário proposto observa-se uma diferença de opiniões, entre os alunos de cada escola.

Na figura 1 foram analisadas as respostas obtidas para a questão 1, levando em consideração os assuntos mais interessantes para os alunos. Pode-se observar que a grande maioria dos alunos da escola A se interessou sobre a prática de fabricação de shampoo e o pH da maquiagem. Já na escola B onde foi aplicada a oficina de pH de alimentos os assuntos mais interessante para os alunos foram ácidos e bases e o pH dos alimentos.

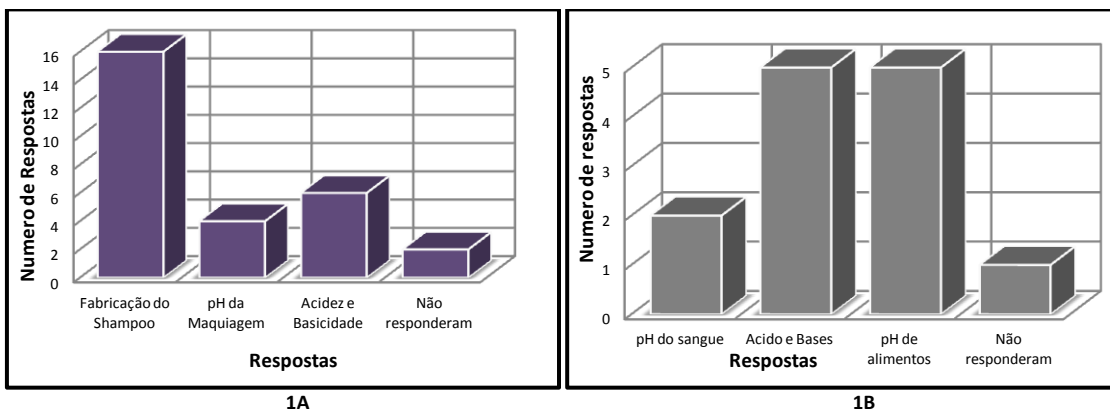


Figura 1. Assuntos mais interessantes para os alunos da escola A (1A) e da escola B (1B).

Quanto à aprendizagem adquirida após a aplicação da oficina, resposta à questão 2, os alunos da escola A, na sua grande maioria, destacaram a fabricação de shampoo (assunto específico) como o assunto melhor compreendido. O tema geral envolvendo pH também foi citado, entretanto em grau menor de importância. Já os alunos da escola B destacaram pH como um assunto que resultou em maior aprendizagem, seguido por ácidos e bases nos alimentos. Na escola B, o assunto “importância de uma alimentação balanceada” foi pouco citado.

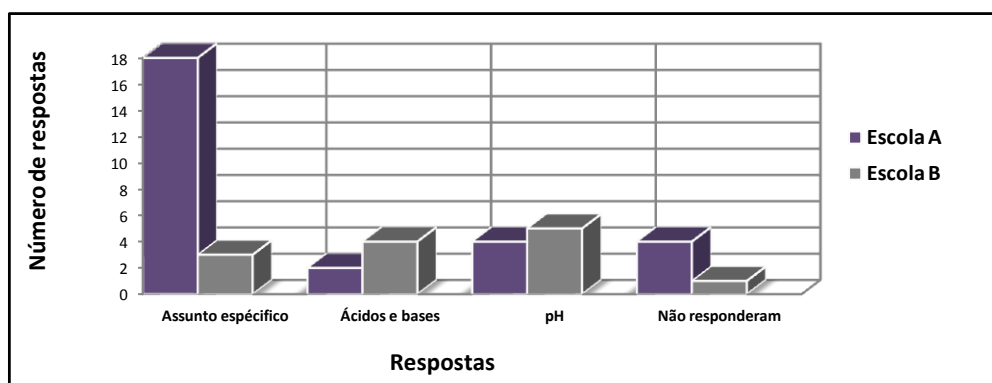
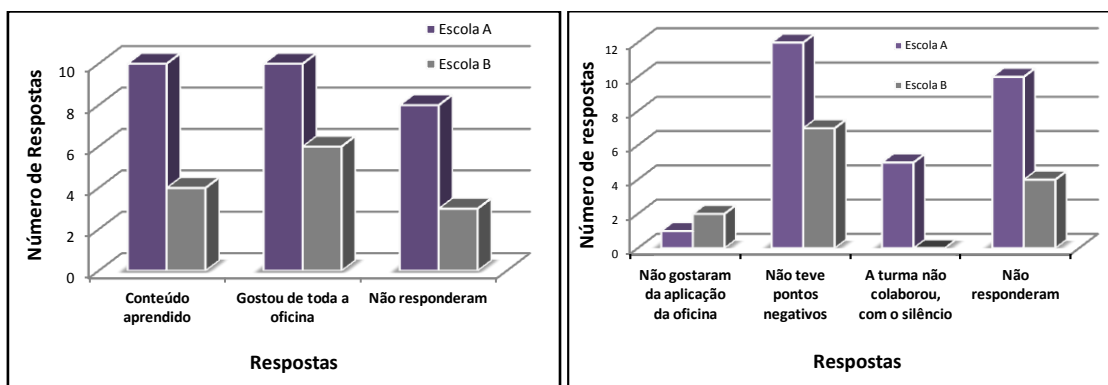


Figura 2. Aprendizagem nas escolas A (roxo) e B (cinza) a partir da aplicação das oficinas.

As respostas para a questão 3 indicaram vários pontos positivos na aplicação das oficinas. A partir disso, é possível observar que quando a prática em sala de aula está associada ao ensino teórico, como uma importante complementação, o aprendizado dos conteúdos é facilitado, além de ser muito divertido.

A figura 3 mostra os pontos positivos e negativos apontados pelos alunos das duas escolas, sendo que a grande maioria destacou o conteúdo aprendido e toda a aplicação da oficina como muito bons e produtivos.

Na escola B, pode-se observar um significado mais expressivo no aprendizado do tema pH, já na escola A, o tema pH não foi o mais ressaltado, devido à grande diversidade nas atividades práticas, indicando que atividades práticas, são de suma importância, porém quando há uma grande diversificação de atividades o essencial não é fixado ou aprendido.



3A

3B

Figura 3. Pontos positivos (3A) e negativos (3B) da aplicação das oficinas.

4. CONCLUSÕES

Através da aplicação da oficina e análise do questionário respondido pelos alunos do ensino médio de duas escolas estaduais de Pelotas, pôde-se concluir a eficácia de métodos alternativos e complementares de ensino, indicando que nem sempre uma aula tradicional é a melhor opção para garantir o aprendizado do conteúdo.

Porém, também foi observado que se deve ter cuidado com a diversificação dos métodos alternativos e práticas aplicadas nas oficinas, para que não haja diluição do aprendizado, garantindo que o assunto central seja o mais desenvolvido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C. **Professores e Professores**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

PEREIRA, C. B. **Contextualização do ensino de Química através de aulas práticas**. Monografia (curso de Licenciatura em Química em Julho/2010), Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MACHADO, A. H.; ARAGÃO, R. M. R.; Como os estudantes concebem o estado de equilíbrio químico; **Química Nova na Escola**; n 4; p 18-20; Novembro/ 1996.